

## **Passeios e Viagens em Busca da Natureza: novas sociabilidades da elite pelotense no século XIX.**

DALILA MÜLLER\*

DALILA ROSA HALLAL\*\*

**Resumo:** Este artigo tematiza os passeios e as viagens realizadas pela elite pelotense para os espaços de natureza, na segunda metade do século XIX, mais especificamente no final da década de 1870 e início da de 80. Esses novos hábitos de convívio respondem a um processo de valorização da natureza como um espaço não submetido à ordem e à intervenção humana e um espaço importante para a saúde. Essas viagens são facilitadas pelos meios de transportes, como o bonde que levava a elite aos parques campestres e o trem que possibilitava as viagens ao campo e à serra. Assim, busca-se analisar o uso desses espaços pela elite pelotense, suas características e as atividades oferecidas. Para desenvolver esse artigo foram utilizados, como fonte, os jornais diários que circulavam pela cidade de Pelotas no século XIX. Constatou-se que é nesse período que começam a ser construídos parques campestres nos arredores da cidade de Pelotas, com o objetivo de aproximar a população da natureza, através de espaços e atividades ao ar livre, consideradas importantes para a saúde. Além disso, é nesse mesmo período que a população começa a fazer viagens para o campo e para a serra, utilizando o trem, cuja estrada de ferro é construída no início da década de 1880. A permanência no campo se dá principalmente na “estação calma” e nos finais de semana, quando a elite pelotense utiliza suas casas de campo ou quintas, aluga casas ou utiliza os hotéis que são construídos, principalmente, próximos às estações férreas.

**Palavras-chave:** Natureza. Viagem. Século XIX. Sociabilidade. Elite.

### **Introdução**

Este trabalho tem por objetivo analisar a busca por espaços de natureza através dos passeios aos parques campestres criados nos arredores de Pelotas e das viagens para o campo e à serra. Estes passeios e viagens são realizados pela elite pelotense que busca, no século XIX, espaços de lazer e de sociabilidade ligados à natureza. Essa prática é justificada pela necessidade de ar puro para a saúde, não presente nas cidades. Carvalho (2009: 142) afirma que “A experiência urbana, marcada pelas inóspitas condições ambientais, impulsionou o surgimento de um sentimento estético e moral de valorização da natureza selvagem, não transformada pelos humanos.”.

---

\* Universidade Federal de Pelotas. Doutora em História – UNISINOS. Pesquisa financiada pela FAPERGS – Auxílio Recém Doutor.

\*\* Universidade Federal de Pelotas. Doutora em História – PUCRS.

Os passeios e as viagens para espaços de natureza começam a ser realizados pela elite pelotense no final da década de 1870 e início da de 1880. Essa prática se dá de duas maneiras, através da vilegiatura e do uso de parques campestres nos “arrabaldes” da cidade.

A partir do romantismo, a natureza passa a ser um valor desejado e valorizado pela sociedade. Nessa perspectiva, “[...] fazer passeios ao ar livre, piqueniques nos bosques, ouvir música em ambientes naturais, ir ao campo nos finais de semana, empreender, observar pássaros, são fartamente registrados pela literatura e pintura dos séculos XVIII e XIX.” (CARVALHO, 2009: 143).

Como afirma Carvalho (2009) o sentimento de apreciação da natureza pode ser considerado uma sensibilidade burguesa, pois é essa parcela da população que dispõe de tempo e recursos para cultivar os novos hábitos de convívio e admiração da natureza. Assim, é a elite pelotense que vai usufruir desses novos espaços de sociabilidade.

A elite é aqui entendida na perspectiva de Needel (1993) e Heinz (2006). Para esses autores, a elite constitui-se num grupo que possui influência, privilégios e poder de decisão na sociedade a que pertence, distinguindo-se pelo seu comportamento social, servindo, muitas vezes, de modelo pelo seu modo de vida.

De acordo com Maurice Agulhon (1992) a sociabilidade é a qualidade do ser sociável, estando relacionada ao comportamento coletivo em espaços formais ou informais definidos. Nestes espaços, o homem estabelece vínculos, busca os aspectos agradáveis das relações humanas, a fruição da presença do outro, a reciprocidade. Os estudos da sociabilidade procuram compreender as diversas maneiras pelas quais os homens se relacionam, as expressões e manifestações, mais ou menos formalizadas, da vida em sociedade, de coletividades definidas no tempo, no espaço e na escala social.

A principal fonte de informação foram os jornais que circulavam em Pelotas durante o século XIX, como o Correio Mercantil, o Onze de Junho e o Diário de Pelotas. Além desses, também foram pesquisados os jornais de Rio Grande, cidade próxima à Pelotas, os quais apresentavam várias informações sobre Pelotas. Os jornais impressos concentravam um papel fundamental no registro da vida social da cidade, pois, como diz Loner (1998: 7), numa cidade pequena e requintada como Pelotas, “coisas que normalmente hoje não seriam reproduzidas [...] eram contadas nos mínimos detalhes, permitindo conhecer tanto o pitoresco do fato, quanto o lado cotidiano da vida das pessoas daquela época”.

## A Criação dos Parques Campestres em Pelotas

Com o objetivo de aproximar a população da natureza, começam a ser criados, no final da década de 1870 e início da de 80, os parques campestres na cidade de Pelotas. Esses parques apresentavam uma variedade de atrações vinculadas à natureza, ou seja, proporcionavam atividades “higiênicas”, como passeios ao ar livre, passeios em lagos, jogos, corridas, entre outras atrações.

Os parques e jardins eram uma alternativa excelente de lazer para os que não podiam deixar a cidade em direção ao campo ou ao mar. Os parques brasileiros têm sua origem nos parques ingleses, que começaram a ser criados na Inglaterra ainda na segunda metade do século XVII.

*Construídos a partir de uma concepção em que se procurava compatibilizar a natureza com a inteligência humana, estes parques – repletos de vegetação e vida animal – atraíam cada vez mais as famílias que os procuravam para a realização de caminhadas e picnics, e também desfrutar das atrações que porventura neles se apresentam, como bandas, fanfarras, acrobatas, malabaristas, espetáculos de fogos de artifício, etc. (SOARES, 2004: 28)*

Antes da abertura dos parques campestres na cidade, os pelotenses já buscavam espaços que os aproximassem da natureza. A importância dada às atividades ao ar livre, ligadas à qualidade do ar, como “pureza, frescura, subtileza, densidade, elasticidade – tal qual as revela uma sensibilidade exercitada exaltam a relação do clima com a constituição do corpo.” (RAUCH, 2001: 115), fez com que, cada vez mais, os espaços relacionados com a natureza fossem procurados. A necessidade de ar puro para a saúde inspira-se numa ideia de “harmonias naturais”. O contato prolongado com o ar puro adquire grande importância em contraposição aos males citadinos, que são o ar fétido e os miasmas dos bairros onde o ar está estagnado (RAUCH, 2001).

Exemplo disso é o Fragata, local próximo da cidade, que tinha “prestígio de arrabalde aristocrático” (OSÓRIO, 1998: 305), e a Serra dos Tapes, um pouco mais distante da cidade, para onde a população viajava e realizava piqueniques, conforme visualizado por Michel Mulhal (1974), no início da década de 1870. O piquenique torna-se uma importante atividade para aproximar a população da natureza.

*O piquenique na relva estabelece tradições alimentares, costumes; a ausência de mobília, a incomodidade da posição sentada tornam-se artes de viver e de se comportar em sociedade. Estes retornos requintados à simplicidade reabilitam atenções pessoais esquecidas. Vestuário, equipamentos, alimentos compõem um*

*conjunto graças ao qual as jornadas campestres convidam a revisitar a natureza segundo estilos de vida que se codificam e que os muitos 'déjeunerssurl'herbe' da pintura inglesa ou francesa irão estilizar com a renovação que o impressionismo traz. (RAUCH, 2001: 103) [Grifo do autor]*

É possível observar que a prática do piquenique vai ao encontro da visão romântica da natureza. O romantismo concebe a natureza como “um espaço de liberdade e criatividade, livre das normatizações” (CARVALHO, 2009: 145).

No Fragata, começam a surgir espaços especializados para atender a população que vai para esse local. Ali se implantam restaurantes e espaços para hospedagem. O “Sobrado do Fragata” oferecia “pitorescos caramanchões, cascatas e deliciosos banhos. Há salas especiais para famílias, onde podem passar um dia com toda a comodidade”. Encontravam ainda, “os melhores petiscos, não faltando o provinciano.” (Correio Mercantil, 21.12.1877, p. 4, Pelotas). Além disso, tinham como atrações apresentações de bandas de música, bailes campestres, chácara arborizada, sombras, pomares e acomodações para hóspedes.

Pela valorização da natureza e pela importância dada ao ar livre começaram a ser criados os parques campestres nos arredores da cidade de Pelotas. Dois deles localizavam-se no Fragata e os outros dois no bairro da Luz. O bairro da Luz foi loteado em 1858, quando a segunda planta do loteamento da cidade foi ampliada em direção ao norte. Os parques começaram a ser construídos no final da década de 1870 e início da década posterior.

Os dois parques localizados no Fragata eram: o Jardim Ritter e o Parque Pelotense. O Jardim Ritter ocupava uma extensa área arborizada, ideal para as “tardes da estação calmosa”, fazendo parte da fábrica de cerveja dos Srs. Ritter & Irmão<sup>1</sup> e era “um dos passeios prediletos da elite pelotense.” (Diário de Pelotas, 26.01.1885, p. 2, Pelotas).

Este Jardim fechava no período do inverno e abria em outubro, para a estação do verão. Nele havia, aos domingos e dias santos, concertos instrumentais. Os homens pagavam a quantia de 500 réis e tinham direito a uma garrafa de cerveja e para as mulheres era gratuito. “Ouvem-se ali os acordes melodiosos da banda de musica Apollo; trocam-se olhares amorosos com as belas e gentis representantes do belo sexo, e saboreia-se uma excelente garrafa de cerveja Ritter, o que não é pior.” (Diário de Pelotas, 29.03.1885, p. 2, Pelotas). Ou

---

<sup>1</sup> Carlos Ritter e Frederico Jacob Ritter nasceram em São Leopoldo, na década de 1850, sendo que seus pais eram imigrantes alemães. Carlos Ritter fundou a Cervejaria Ritter em 1872 e em 1884 recebeu como sócio seu irmão, com a firma Carlos Ritter & Irmão. Esta firma investiu na colonização da Serra dos Tapes, fundando as colônias Santa Rita, Visconde da Graça e Ritter, todas colonizadas por colonos alemães. (ANJOS, 2000)

seja, esse jardim era um espaço de lazer e de sociabilidade, onde a elite pelotense estabelecia relações com os seus pares.

O parque mais expressivo do período, pelas suas dimensões e variedade de atividades era o Parque Pelotense, aberto ao público em 1883. O Parque era um dos principais “pontos de recreio” em Pelotas, no século XIX. Seu proprietário, José Álvares de Souza Soares era imigrante português, nascido em Vairão no ano de 1846. Em 1874 fundou o “Laboratório Homeopático Rio-Grandense”, onde vendia algumas fórmulas importadas e outras manipuladas por ele mesmo. (Onze de Junho, 03.02.1885, p. 2, Pelotas).

O Parque foi construído no lugar denominado Villa do Prado, junto ao Prado Pelotense, a mais ou menos três quilômetros da cidade. Foi inaugurado no dia 02 de fevereiro de 1883, com o objetivo de proporcionar divertimentos junto à natureza para a população de Pelotas e “excursionistas” que vinham visitar a cidade.

*[...] um extenso jardim, maior que o da praça Pedro II., com bosques, lagos navegáveis em pequenos barcos, ilhas, morros de grande elevação, grande praça arborizada, caramanchões, chalets, kiosques, estufa de aclimação, pontes, e assentos por toda à parte! Uma fonte de riquíssima água, só comparável à melhor da serra! Mais de dois mil pés de árvores frutíferas, de primeira qualidade, havendo entre elas muitas laranjeiras de 10 anos, com toda sua capa primitiva! Grande horta; grandes lavouras dos principais e mais necessários cereais. [...]* (Onze de Junho, 18.04.1883, p. 2, Pelotas).

O Parque apresentava diversos tipos de divertimentos, sendo um ponto bastante frequentado pela elite de Pelotas e de cidades próximas: eram realizados bailes ao ar livre; passeios em lagos, em velocípedes ou a cavalo; aparelhos de ginástica eram disponibilizados, para “higiênicos exercícios”; restaurante; concertos com bandas de música locais, entre outras atrações (Correio Mercantil, 14.12.1883, pp. 2-3)

A importância destes estabelecimentos pode ser demonstrada pela construção de uma nova linha de bondes de tração animal da Companhia Ferro Carril e Cais de Pelotas com destino ao Fragata, passando pelo Jardim Ritter, no ano de 1876. Nos períodos de maior “concorrência” eram colocados mais carros em funcionamento e desvios eram realizados a fim de facilitar o acesso a estes locais. “Por esta forma, teremos daqui em diante completa facilidade e rapidez de transporte para os divertimentos que se oferecem no ponto terminal da linha, sem o inconveniente das demoras e atropelamentos que se notaram por ocasião de grande concorrência.” (Correio Mercantil, 01.04.1976, p. 1, Pelotas). Oito dias após a

inauguração do Parque Pelotense, dia dez de fevereiro de 1883, foi inaugurado o prolongamento da linha de bondes até a entrada do parque.

Os outros parques, com menores dimensões, eram o parque Bosque de Bolonha e Campos Elysios, ambos no bairro da Luz. Destaco aqui, os nomes dos parques, que denotam a importância dada aos modelos europeus, principalmente franceses. Posso dizer que esses nomes objetivavam dar um caráter distinto para os parques.

Também nestes parques o atrativo principal era a natureza, “a deliciosa sombra e o canto ameno dos passarinhos” (Correio Mercantil, 23.12.1877, p. 2, Pelotas). Como atrativos, os proprietários ofereciam fiambres, líquidos e refrescos de todas as qualidades, superiores petiscos e extravagantes comidas; jogos diversos e, em todas as ocasiões, uma excelente banda de música.

Estes espaços eram ocupados principalmente aos domingos e feriados. Numa visão de que o domingo é adequado para “um uso bucólico da cidade, para regeneração pelo passeio e pela marcha ao ar livre, para uma longa deambulação num tempo pessoal” (CSERGO, 2001: 189), pelas ruas, avenidas, praças e parques. Observa-se uma mudança nas práticas de sociabilidade da elite pelotense, que busca, cada vez mais, atividades e passeios ao ar livre e exercícios considerados higiênicos.

A importância dada ao contato com a natureza está presente nos anúncios desses parques, como se observa no citado abaixo:

*VAMOS AO PARQUE! Como de costume efetua-se domingo 6 do corrente um brilhante concerto instrumental, no Parque Pelotense. Além desta agradável distração, os frequentadores encontrarão uma grande variedade de divertimentos, cada um o mais higiênico e confortável. Na quadra doentia que atravessamos, uma visita ao parque, não é só um motivo de distração, mas uma vantagem para a saúde que precisa ser fortificada pelo ar puro e vivificante do campo. À tarde efetuar-se-á a rifa de plantas. O administrador Ribeiro da Silva. (Diário de Pelotas, 06.12.1885, p. 3, Pelotas) [Grifos nossos]*

Assim é possível constatar que a elite pelotense começa a usufruir de outros espaços de sociabilidade, antes restritos às residências particulares, aos salões de baile, aos teatros, aos hotéis e às igrejas (MÜLLER, 2010). É no final da década de 1870 que os espaços voltados para o contato com a natureza começam a ser valorizados como espaços de sociabilidade e como espaços de restituição de saúde.

## **A Fuga da Cidade e a Busca pelo Campo**

Nesta mesma perspectiva de busca pela natureza, a elite pelotense começa a sair da cidade e viajar em busca do campo e das regiões de serra. A saída da cidade e a partida para o campo definem novas temporalidades urbanas, “em que a natureza emerge como espaço sanitário e como lugar possível de um lazer regenerador e revigorante.” (CSERGO, 2001: 189)

A ida para o campo é uma influência do romantismo. Segundo Carvalho (2009) a cultura de valorização da natureza vai se reafirmar com o movimento romântico europeu do século XIX. Segundo a mesma autora, “Essas sensibilidades nasceram à medida que se evidenciavam os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, causada pela revolução industrial.” (CARVALHO, 2009: 141).

Em Pelotas, a Serra dos Tapes era o local predileto da elite para a prática da vilegiatura. Como diz Camargo (2007: 180-181), a vilegiatura é um fenômeno social associado às viagens de cidadãos durante o verão, para determinadas localidades, inicialmente para o campo, em recreio e sem outras finalidades que impliquem qualquer atividade rentável sob o ponto de vista econômico. Ou seja, esta prática refere-se à permanência no campo, na montanha ou no mar com fins recreativos.

O gosto pela vilegiatura nasceu na Itália renascentista, em particular na Toscana, e mais precisamente como um fenômeno associado à cidade de Florença. Por volta da segunda metade do século XVII a vilegiatura já era usual na França, e nos primeiros anos do século XVIII, vulgarizou-se na Europa aristocrática e da alta burguesia. “Tornou-se hábito, ritual e moda.” (CAMARGO, 2007: 181-185)

Na Europa, esta prática era desenvolvida por uma elite muito restrita. A aristocracia francesa, que não precisava ficar em Paris e nas cidades grandes em função dos negócios, passava a temporada de verão em seus castelos e terras no campo, voltando à cidade apenas em outubro ou novembro. Aos poucos a burguesia francesa imita o modelo aristocrático. A burguesia do interior possuía uma residência campestre não muito distante da cidade, onde convidavam os amigos e parentes para passar vários meses por ano; já a burguesia da capital alugava casas campestres ou se instalava num hotel para passar as férias. Os habitantes das cidades que não possuíam tempo para morar no campo durante o verão, adquirem o hábito de passear pelo campo aos domingos (MARTIN-FUGIER, 1991: 228).

A prática da vilegiatura era desempenhada em Pelotas em propriedades rurais próprias, como chácaras e quintas, aluguel de residências ou, ainda, aluguel de cômodos em hotéis existentes na Serra dos Tapes e próximos às estações férreas. A população ia ao campo nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, retornando para Pelotas em março.

Os hotéis começam a ser construídos nas áreas rurais de Pelotas no início da década de 1880, principalmente próximos às estações férreas. Cita-se, como exemplo, o Hotel Benjamin, localizado no Capão do Leão:

*[...] um hotel com todas as proporções para receber hóspedes, fornecer comedorias e prestar os serviços inerentes a este ramo de negócio. Há excelentes banhos, bem organizado tambo, soberbos sombraís, e todas as comodidades para residência de famílias. [...]* (Correio Mercantil, 18.03.1882, p. 4, Pelotas)

Uma das maiores atrações do campo e da serra eram os rios. O principal atrativo era o banho nos rios, pois estes sempre eram destacados nos anúncios dos bosques e de aluguel de casas na Serra dos Tapes. “*Para os banhos Aluga-se uma casa própria para família, na Serra dos Tapes junto ao arroio Pelotas, [...]*” (Correio Mercantil, 04.11.1885, p. 3, Pelotas).

Os banhos de arroio e rios eram muito apreciados, antes do mar ser considerado uma opção de lazer e banho. Estes estavam firmemente enraizados e eram um hábito de origem indígena.

Para os que não ficavam todo o verão na Serra, os passeios campestres eram uma boa opção de recreação, quando permaneciam um dia ou mesmo um final de semana no campo ou na serra. Esta atividade se intensificou com as viagens de trem, devido à redução do tempo de viagem, permitindo que fosse possível ir e voltar no mesmo dia. Desse modo, os locais mais comuns eram os próximos as estações férreas.

O trem possibilitou que se passasse um final de semana, ou mesmo um dia, com a família nas propriedades rurais. Para os homens de negócio, a distância era um fator importante, pois possibilitava, com o auxílio do trem, o ir e vir, passar o final de semana com a família no campo.

Os passeios campestres estão diretamente relacionados à construção da estrada de ferro “Rio Grande – Pelotas – Bagé”, no início da década de 1880. As estradas de ferro foram o mais importante instrumento de transformação social no século XIX. Sua aparição revolucionou, incontestavelmente, o uso do tempo livre (MARTIN-FUGIER, 1991).

O trem possibilitou um fluxo frequente de “excursionistas”, principalmente nos domingos e feriados, sendo que algumas vezes a viagem se estendia até a metade da semana. Na “estação calma” – outubro a março – as excursões se intensificavam e no inverno escasseavam, haja vista que se destinavam basicamente para os pontos de recreio no campo – que ofereciam sombra e arroios. O anúncio a seguir demonstra essa prática:

*Excursão Há hoje o costumado trem de excursão á Pelotas. Os apreciadores dos passeios ao campo podem aproveitar-se desse trem e passar o dia na Quinta, onde serão recebidos o mais amavelmente possível pelos Srs. Chico Affonso e Louzada. A Quinta é inegavelmente um excelente lugar para passar-se um domingo. Nada lhe falta para isso. Boas sombras, água límpida e corrente para banhos, bons restaurantes onde os excursionistas podem comer bem e barato, há de tudo enfim para quem quer passar um dia á vontade e fazer provisão de ar puro, gênero que bastante escasseia na cidade. (Diário do Rio Grande, 20.11.1887, p. 1, Rio Grande) [Grifos nossos]*

Próximo às estações e aos rios, foram criados bosques ou recreios visando atender essa demanda de excursionistas. O Bosque Benjamin, no Capão do Leão, o Recreio Campestre dos Excursionistas, em Piratini, e o Café do Comércio, no Povo Novo são exemplos desses locais. Estes bosques e recreios eram locais propícios para passeios ao ar livre, banhos de rio, prática de pesca, passeios a cavalos, caminhadas, prazeres que o ambiente urbano não permitia devido ao espaço limitado e algumas restrições.

Os proprietários destes estabelecimentos disponibilizavam várias atrações: o Hotel Benjamin, no Capão do Leão, oferecia “majestosas sombras, excelentes banhos, salões para baile com a competente e harmoniosa orquestra” (Correio Mercantil, 24.10.1885, p. 3, Pelotas); no Recreio Campestre dos Excursionistas, na Estação Piratiny, “lindíssimos arredores, banhada pelo majestoso Rio Piratiny” e “um bem montado e confortável RESTAURANT BUFFET” (Diário de Pelotas, 24.12.1885, p. 3, Pelotas) eram fatores destacados pelos proprietários.

Porém, como se observa nos anúncios citados neste trabalho a possibilidade de usufruir de um espaço no campo, com ar puro em detrimento do ar da cidade era um fator importante para esse período (década de 1870-80), o que pode se observar abaixo:

*EXCURSÃO Á QUINTA – A estrada de ferro inicia hoje as excursões á Quinta, este ano. O trem partirá do Rio Grande ás 4 horas da tarde e voltará ás 7. É um magnífico passeio que se proporciona á população pela módica quantia de 900 rs. Provavelmente a afluência de excursionistas vai ser extraordinária, e com razão. Quem deixará de ir espaiar um pouco no campo, e refrescar os pulmões de novo ar? Os restaurantes do Louzada e do Chico Affonso estão preparados para receber os passeiantes e satisfazê-los plenamente. (Diário do Rio Grande, 11.12.1887, p. 1, Rio Grande) [Grifos nossos]*

Como nos diz Camargo (2007: 189-190), “o gosto e a nostalgia do campo em contraposição à cidade; a necessidade de evasão; a sensação de confinamento espacial; os altos níveis de ruído e a poluição visual; o hábito dos deslocamentos e, por que não dizer, o *status*, acentua cada vez mais esta tendência [da vilegiatura].”

## Conclusão

O crescente desenvolvimento da freguesia, vila e cidade de Pelotas durante todo o século XIX, ocasionado, principalmente, pelo crescimento das charqueadas, fizeram com que uma elite se formasse na cidade. Essa elite gozava de um tempo livre, o que possibilitou que se dedicasse a atividades de lazer, construindo, assim, espaços de sociabilidade.

A utilização do tempo livre para o lazer revestia-se de um sentido social, englobando características ostentatórias, constituindo-se, desde o início, em elemento de diferenciação social.

Buscando uma maneira de viver condizente com a sua situação econômica, essa população enriquecida procurou, cada vez mais, espaços de sociabilidade para usufruir seu tempo livre. A possibilidade de dispor de um tempo livre era considerada “a recompensa e o privilégio de um nascimento nobre, a marca de uma superioridade pessoal.” (PORTER, 2001: 21)

Assim, a partir da década de 1870 novos espaços de sociabilidade começam a ser valorizados e utilizados pela elite pelotense. Os parques campestres, construídos nos arredores da cidade, que ofereciam passeios, alimentação, jogos, música, entre outras atrações, são utilizados pela elite nos domingos e nos feriados.

As viagens ao campo ou à serra, seja para propriedades rurais próprias ou alugadas ou, ainda, para cômodos alugados em hotéis, é realizada, principalmente, no verão e nos finais de semana. Essa atividade é facilitada pela construção da estrada de ferro ligando Pelotas, Rio Grande e Bagé, com mais de 21 estações nesse trecho.

Esses espaços estavam vinculados à natureza, que é valorizada por possibilitar um contato com o ar puro, necessário para a saúde da população que vive nas cidades, deterioradas pela poluição das nascentes indústrias e pela exploração da força de trabalho.

**Referências**

- ANJOS, M. H. dos. *Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX*. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2000.
- CAMARGO, H. L. *Uma Pré-História do Turismo no Brasil. Recreações Aristocráticas e Lazer Burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.
- CARVALHO, I. C. de M. Paisagens, historicidade e ambiente: as várias naturezas da natureza, *Confluenze*, Bologna, v. 1, n. 1, p. 136-157, 2009.
- CSERGO, J. Extensão e mutação do lazer citadino, Paris, século XIX-princípio do século XX. In: CORBIN, A. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, 2001, p. 137-202.
- HEINZ, F. M. O historiador e as elites – à guisa de introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 7-15.
- LONER, B. A. Jornais Pelotenses Diários na República Velha. *Ecos Revista*, Pelotas, v. 2, n. 1, p. 5-34, 1998.
- MARTIN-FUGIER, A.. Os Ritos da Vida Privada Burguesa. In: PERROT, M. et. al. *História da Vida Privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. (Tradução de Denise Bottman e Bernardo Joffily). São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 193-261.
- MULHAL, M. G. *O Rio Grande do Sul e suas Colônias Alemãs*. (Tradução de Euclides Santos Moreira e Revisão de RosauraEichenberg). Porto Alegre: Bels/ Instituto Estadual do Livro, 1974.
- MÜLLER, D. “*Feliz a População que tantas Diversões e Comodidades Goza*”: espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). 2010. 338f. Tese (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo-RS, 2010.
- NEEDELL, J. D. *Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. (Tradução de Celso Nogueira) São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- OSORIO, F. *A Cidade de Pelotas*. 3.ed.rev. Pelotas: Armazém Literário, 1998. (Coleção Cidade de Pelotas, 2).
- PORTER, R. Os ingleses e o lazer. In: CORBIN, A. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa/Portugal: Teorema, 2001, p. 19-58.
- RAUCH, A. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). In: CORBIN, A. *História dos Tempos Livres. O advento do lazer*. (Tradução de Telma Costa). Lisboa: Teorema, 2001, p. 91-135.
- SOARES, L. C. A comercialização do lazer e a emergência dos espaços públicos de diversão na Inglaterra do século XVIII. *Pós-História*, Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Assis-SP, n. 12, p. 17-34, 2004.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL